Alexandre Guida Navarro

VENTOS DA MADRUGADA

e outras poesias

Atena Editora
Ano 2023

Alexandre Guida Navarro

VENTOS DA MADRUGADA

e outras poesias

Atena Editora

Ano 2023

LINGUÍSTICAS, LETRAS E ARTES

Ventos da madrugada e outras poesias

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Soellen de Britto
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: O autor
Autor: Alexandre Guida Navarro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N322 Navarro, Alexandre Guida
Ventos da madrugada e outras poesias / Alexandre Guida Navarro. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-1205-2
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.052232803

1. Poesia. 2. Literatura brasileira. I. Navarro, Alexandre Guida. II. Título.

CDD 869.91

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DO AUTOR

O autor desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce,* ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

A Deus que, em sonho, me curou

Ao Dr. Gustavo Seiffert, que, na Terra, me salvou

À minha família, pelo cuidado

Maria Irene Guida Navarro, minha mãe

Patricia Guida Navarro e Paula Aparecida Navarro Tromboni, minhas irmãs

Maria Júlia Navarro Tromboni e João Vítor Navarro Tromboni, meus sobrinhos e à Lilica

Ao meu amigo de todas as horas, João Costa Gouveia Neto, pela Palavra e fé inabalável

Aos meus amigos, pelo carinho e orações

Liniete Costa Gouveia

Patrícia Boreggio do Valle Pontin

Juliana Savelli

Raquel dos Santos Funari

Pedro Paulo Funari

Elisângela Rosa Vieira

Divido minhas poesias em fases atreladas aos distintos momentos de minha educação formal. Assim, a primeira delas começou aos 11 anos de idade e durou até o final do ensino médio, quando tinha 17 anos. Ela foi realizada em três cidades: Valinhos e Campinas, no estado de Paulo, e Guaxupé e Muzambinho, em Minas Gerais. A segunda fase iniciou na vida adulta, dos 18 aos 21 anos, quando realizei meu curso universitário, na cidade de Campinas. A terceira principiou durante o curso de mestrado, dos 22 aos 25 anos, nas cidades de Campinas e São Paulo. A última encetou dos 26 aos 28 anos, quando ingressava no doutorado na USP, também em Campinas e São Paulo, e que abandonei um ano depois para fazer outro curso, só que no exterior. Considero que minha mudança para o México em 2003, para cursar o novo doutorado, depois do abandono do curso em São Paulo, encerrou minha inspiração para a escrita, aos 28 anos de idade, motivo pelo qual ainda não sei explicar bem. Simplesmente parei de escrever. O México foi meu sonho de vida por muito tempo. Achei que essa sensação nunca passaria, mas passou. Escrevi alguns poemas depois de ir para o México, mas não com a mesma efusão de outrora.

Como dissera, escrevi minha primeira poesia aos 11 anos de idade, quando morava em uma chácara que hoje não existe mais, na cidade de Valinhos, São Paulo. Eram épocas difíceis, de reconstrução econômica familiar após tomadas de decisões ruins na vida. Meu pai trabalhava como agricultor em terra de terceiros. A produção era dividida entre ambas as partes. No entanto, a divisão era muito desigual, em que o dono da terra abocanhava toda a renda gerada, uma vez que cedia quase todos os meios de produção para o trabalhador.

Eu não gostava da terra que dava frutos. Eu gostava mesmo era do céu e das estrelas porque atiçavam minha imaginação. Eu gostava de criar mundos imaginários, de voar céus mesmo estando em terras. De navegar os rios da mente.

Desse tempo, as minhas melhores memórias são as

brincadeiras que eu criava ou que fazia com minhas irmãs ou com alguns poucos amigos que tinha na chácara onde vivíamos. Cercado por uma natureza aconchegante, minhas brincadeiras aconteciam, em geral, em meio aos limoeiros, de onde várias aranhas se desprendiam em suas eficientes teias; junto à plantação de rosas ou ainda entre os laranjais onde, vira e mexe, minha mãe se vestia de fantasma para nos assustar.

Insetos, eram de várias as espécies aqueles que existiam no meu habitat. Gostava de observá-los. Foi nessa chácara onde vi no cintilante azul de uma noite estrelada a passagem do cometa Halley, em 1986, e que, provavelmente, não verei a sua próxima entrada na Terra; dessa vez a passagem terá sido feita por mim. Desse encontro, nasceu minha paixão pelo céu, pelas estrelas, pelos planetas. Com os poucos recursos financeiros, aventurava-me em leituras de astronomia em livrinhos que acompanhavam chocolates. Comia os doces, claro, e como gostava, mas minha alimentação principal era o saber, o conhecimento, desse que herdei o meu futuro sobreviver. Nessa época, Plutão era ainda um planeta, o mais distante da Terra. Depois disso, quantas luas mais foram descobertas entre os anéis de Saturno ou ainda orbitando Júpiter?

Foi ainda nessa época que plantei minha primeira árvore, ganhada num sorteio escolar. Meu pai, destro agricultor, plantou-a. Não a vi crescer, pois nos mudamos logo depois para outra cidade, em outro estado. Soube depois que a árvore cresceu, frondosa, deu luz, frutos, deixou suas flores e folhas espalhadas pela terra. Queria tanto tê-la visto tão exuberante!

E eu tinha um pintinho de estimação, o Amarelinho, de quem cuidei, cresceu, virou galo e adorava bicar as pessoas, quando não poucas vezes, machucava a ave nossas pernas, de onde escorria o sangue. Cresceu tanto, criou esporões tão grandes e afiados, que Amarelinho ficou alijado de nós, por nossa própria segurança.

Fiz essa pequena digressão porque queria registrar essa memória da fase inicial da escrita das poesias, devido a que o fiz

de modo incompleto no primeiro livro. Eu penso que esse contexto todo possibilitou e me sensibilizou para a escrita das poesias: a natureza, o céu, a dor, a tristeza, e a esperança, sobretudo.

Retomando a história familiar, nos mudamos para Guaxupé, Minas Gerais, após os rumos em Valinhos darem errado. Morei lá dos 13 aos 15 anos. Escrevi muitas poesias nessa primeira fase, mas penso que nunca as publicarei por considerá-las imaturas. Eu nunca gostei de lá. Novamente uma chácara, mas com menos verde, menos vida, menos gente, menos tudo. Algumas memórias dessa época são muito fortes: o desespero do meu pai depois de uma forte chuva que destruiu toda a plantação a que ele duramente se dedicou; de quando eu e minhas irmãs andávamos quilômetros para chegar à escola atravessando lugares solitários em meio à mata onde por milagre nunca nada nos aconteceu; dos escorpiões que proliferavam por todos os lados (cozinha, quarto, parede da sala...), pois a chácara ficava ao lado de uma velha ferrovia que acumulava dejetos; das mãos esfoladas quando da colheita do quiabo. Acho que minha mãe gostava de lá porque íamos muito a Muzambinho, onde minha avó materna morava. De Muzambinho eu gostava mais porque lá tinha um primo de quem gostava muito, enfim, a família de minha mãe lá estava. A sensação de segurança era maior.

Nessa época minha imaginação estava latente. Foi nesse período que, estimulado pela professora de português, que nos obrigava a ler um livro semanalmente, e apresentá-lo para a sala, conheci uma biblioteca. E como a frequentei! Lá minha imaginação eram rei e rainha. Aos 12 anos já tinha lido mais de 50 livros; era apaixonado pela coleção Goiabinha, de Ganymedes José. Que escola hoje, pública ou privada, faz o aluno ler quatro livros por mês? Muito obrigado, querida professora Cecília!

Essa primeira fase da escrita durou até os 17 anos, quando terminei o ensino médio, de volta a Campinas. A vida continuou dura e pesada. Sem debruçar-me mais sobre os detalhes de minha vida, a segunda fase de escrita começa quando entrei na faculdade

até os 21 anos de idade, quando terminei o curso universitário. As poesias dessa fase foram publicadas no primeiro livro *Eles dançam sozinhos e outras poesias*.

As poesias que o leitor encontrará nesse livro, Ventos da madrugada e outras poesias, fazem parte da terceira fase de escrita, durante meu curso de mestrado, em São Paulo. São 52 poemas, dos quais mais gosto e considero que são os mais maduros. A poesia que dá título ao livro é uma das minhas preferidas e reflete o momento em que escrevi a maioria delas, durante a madrugada.

A quarta e última fase da escrita foi rápida e abrupta. Dela falarei no próximo livro, pois ainda pretendo publicar estas poesias, fechando a trilogia.

Este livro está sendo publicado bem após a um evento traumático que passei: um erro médico que quase me tirou a vida. Ensejo que, através desta escrita, ofício a que me dedico, as memórias do passado aqui resgatadas sejam um alento para as vivências do presente, mais reflexivas, tranquilas e de paz.

Espero que gostem.

Boa leitura!

O autor

São Luís, junho de 2022, durante as festas juninas e
Campinas, fevereiro de 2023.

SUMÁRIO

PARTE I – LÍRIOS

PARTE II – COPOS- DE- LEITE

SUMÁRIO

PARTE I – LÍRIOS

Se posso voar
Posso
E voo

VENTOS DA MADRUGADA

Quando sorrio
Minha vida
Toda a minha vida
Chora

Quando corro
Meus pés
Todos os meus dedos
Fogem

Quando toco
Meu corpo
Toda a minha pele
Arde

Quando olho
As pessoas
Todos os meus cílios
Murcham

Quando choro
O sal
Todas as minhas lágrimas
Secam

Quando respiro
Meus pulmões
Todos os meus ares
Sofrem

Quando me deito
Meu desejo
Todos os meus sonhos
Partem

A DANÇA DA SOLIDÃO

Chove muito, muita terra
Águas claras, claras velas
Mas de onde vens tu, água?
Vens da rua ou vens da serra?

Dançam os rios convidam as matas
Águas magras, magras celas
Mas de onde vens tu, água?
Vens do pasto ou da portela?

Sois tão calmos vastos lagos
Águas ralas, ralas guelras
Mas de onde vens tu, água?
Vens do morro, és da terra?

Véus de noiva, cachoeiras
Águas brancas, brancas relvas
Mas de onde vens tu, água?
Vens do nada, vens sem trégua?

Pingos d'água, sal que cega
Águas turvas, turvas pedras
Sua resposta está nas lágrimas
Vim do choro que me rega

DE DIA

Hoje o céu chorou
Parecia triste
Mandou as estrelas embora
Tirou a luz do luar
Sucumbiu à aurora
Partiu
E sangrou

MORANGAS E VARANDAS

Cachos, cachimbos
Nós de arrimo
O sujar do menino
Menino e seu carrinho

Feixes e peixes
Queres tu que te beije?
Que o pôr do sol aceite
Menino és meu presente

Castelos, martelos
Notas de bolero
Seu andar tão austero
Menino és tu sincero

Morangas e varandas
Sorrisos, andanças
Meu olhar te alcança
Meu menino criança

Cadeiras, peneiras
Caracóis nas areias
Seu sorriso permeia
És tu menino, és tu clareira

Braseiros e veleiros
Palpitam em aceno
Do calor ardente moreno
Menino, menino, meu beijo

OLHOS

Via tudo com maus olhos
Meus olhos

DOIS MENINOS

O olhar sereno
Afoito de teus olhos
O tocar dos dedos
Tateando os corpos

Quero seu beijo molhado
O alísio vento de teus lábios
Quero sonhar acordado
Quero-te e quero ágil

Olhe à volta olhe
Tem um rio que nos espera
Abra a porta, corre
E deixe o rio descer a serra

Seu olhar que não canso de revê-los
As primícias do fitar
Quero todos e quero tê-los
Quero neles me afogar

Veja a folha está caindo
Desdobrando os mantos verdes
Folha caia e caia rindo
Vem a mim menino sentes

Quão vermelhos são teus lábios
Pierrô de céus e cantos
Em tua boca correm gládios
Corra a mim e passe os campos

És tão lídimo e suave
Tão lascivo nas andanças
Ilibando o toque, ardes
Tens sorriso de criança

LÁQUIS

A cidade já não grita
Sucumbiu à luz insídia
Armas brancas de floreio
Desgarradas pelas brisas

Abluindo os montes soltos
Percorrendo os nós de estradas
Vamos nós correndo os morros
Desbravando as ralas matas

Incitando os grãos de areia
Josué avistava Azeca
Cáspite oh senhor dos ares!
Sois longevos sobre a seca

Tão luzente veio o povo
És pressago és desgosto
Debatendo os céus nos altos
Lactando o horizonte

Babilônios sois imanes
No labor do homem em partes
Lábil desces sem que arranhes
Ilibando sois em Láquis

UR

O cajado sobre a pedra
Invocando deuses mantos
Recordando tempos, guerras
Vai o pastor ganhando campos

Inefáveis chuvas rogam
Tigre à margem um consolo
Vem surgindo Eufrates mares
Do dilúvio sem seu choro

És belo tu o horizonte
Tens colheita, águas, pasto
Lá está o sol nos montes
Aduzindo os seus rastros

Quero estar nos céus dos deuses
Transcendendo os zigurates
Lá no alto vens tu tremes
Babel torres, sombras, ares

Velejando no rochedo
Acauã disputa nu
Magos, astros oram dentro
Dos portais reais de Ur

PHAESTUM

Navegando em mar bravio
As colunas montes altos
Luzes cegam o navio
Arremessos, ventos, saltos

Gritos cálices, Lucanos
Sois guerreiros em fulguras
Tendes tecidos, muros, panos
Sois incólumes em pintura

Dos jardins floridos brotam
Macieiras em tom terra
Sois tão férteis e vos rogam
Dançam aos céus amena Hera

Nas cavernas nasce vida
Cantos brotam do escuro
Lar é ponto de partida
Das proezas de Netuno

Em seus pastos, verdes matos
Animais circundam o meio
Deixam o cheiro, aroma e rastro
Das caçadas aos floreios

Santuários, fóruns, templos
Decisões, sermão de Ágora
Sol e lua são tão tenros
Lembra Ceres em sua fábula

Sois tão nobres, sois soberbas
Mundo foi criado avesso
Venha a mim magia e almeja
Os suspiros de Phaestum

NAUS E CAOS

Carros, carreteis
Sombras de viés
Nuvens e pinceis
Lambuzam as regras, coroneis
Terras, encantos
Cordas de balanço
Lagoas e gansos
Rabiscam a natureza em arranjo
Borbulha a água
Tépida bolha
Ferro e espátulas
Premissa a escolha
Venta o ar
Sopro arraigado
Ferro e pomar
Sussurro aplainado
Saltita o fogo
Brasa ao relento
Ferro e pescoço
Corpo está ardendo
Empoeira a terra
Procura a semente
Ferro e prata
Água somente
Borbulhas
Escuras, escuras
Ventanias
Manias, manias
Saltitantes
Vagantes, vagantes
Empoeirado
Suado, suado
Remédio em tédio alado
Alado

EDFU

És petiz do rio Nilo
Trafegando em noites claras
És estrela, nu menino
Refletindo em águas pardas

Bóreas tingem as estrelas
Despojando as mastabas
Pífios grãos temendo areias
Cavalgando és bravata

Grandiosos sons relevos
Mito, templo, cais demótico
Seth chora aos mares ventos
Bouba riscos aos pés de Hórus

Suas colunas gestos plácidos
Edifícios de conforto
Ramsés escreve os laços
Na hipóstila dos morros

Seus portais falcões guerreiros
Noutra margem reina Khufu
Capiteis de seus herdeiros
Dos reis príncipes de Edfu

PÚBERES PUPILOS

Faltam algumas horas
Para o martírio começar
O sofrimento
Dias de lamento
Gotas do chorar
O punho gesto árduo
Que trafega pelos ares
Naves chocam-se no espaço
Navios naufragam em mares
Suor do rosto amargo
Blandícias que rogam olhar
Carícias em tom de escárnio
A ida sem o voltar
Palavras que nada dizem
Empenho que nada vale
A luz que sempre inibe
O fruto que nada sabe
Corredores, pátios e portões
Correm todos sem destino
Seus futuros estão nos porões
Das crianças, dos meninos
E de nada vale o esforço
Dias, noites, tempos sem dormir
Já não me resta mais consolo
E nem forças pra partir

AUSTRO EM COMPASSO ENCONTRA BÓREAS NA AURORA

De que adianta voar sobre vales
Contemplar rochas, pedras, cascalhos
Estar suspenso pelos ares
Que não te levam a nenhum atalho?

De que adianta mergulhar nos mares
A diversidade das cores abismais
Se não há nada nos arredores
Somente cordas te prendendo ao cais?

De que adianta desbravar as matas
Animais e aves em seus ninhos
Florestas de imensidão tão vastas
E eu um diminuto ser sozinho?

De que adianta cruzar o sertão
Tão seco ao lado do mar agreste
Quando as águas que lavam o chão
São salgadas e de nada servem?

De que adianta escalar montanhas
Na abundância de tanto ar
Se no fim de tal façanha
Não se dá para respirar?

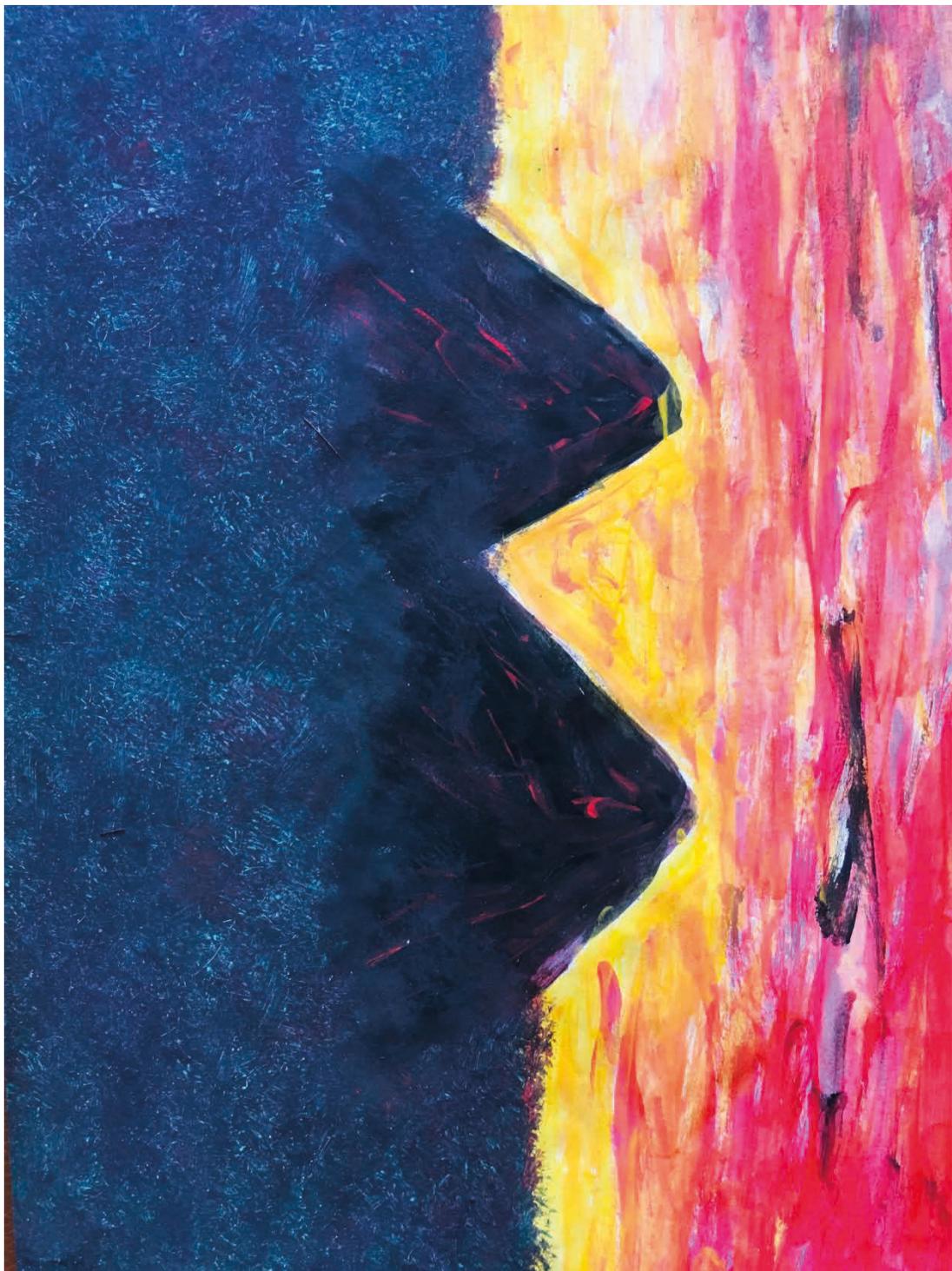
De que adianta caminhar entre as flores
Avencas, jasmins e bromélias
Quando na verdade os seus odores
Nos sufocam nas passarelas?

De que adianta a vida viver
E de pessoas sempre estar cercado
Se o que se aprende com o entardecer
É que eu nunca fui amado

PEIXE FORA D’ÁGUA

O armário
Com rodas
Um baralho
De copas
A estante
Com livros
Um andante
Em tribos
O abajur
No chão
Com sua luz
Em vão
O espelho
Calado
Reflete
O mesmo
Palhaço
Mil aquários
De estrelas
Um canário
E ovelhas
O telhado
No sol
Parado
No atol
O carpete
E a poeira
O moleque
E a esteira
O pincel
Está à toa
No anel
Da pessoa

O GRITO

O grito
Que me fez amar
E de paixão
Enlouquecer
O grito
Que me faz chorar
E que me fez
Perder você

Amanhecer. Desenho de Patrícia Guida Navarro.

PARTE II –
COPOS- DE- LEITE

Os fantasmas são ventos uivantes

MOÇAS DE PORCELANA

Utensílios de louça
Em que mórbidas moças
Põem-se a bailar

Seus chapéus coloridos
Com os lábios tingidos
Querendo me beijar

Os olhares orientais
Traços tão fatais
Suspirando almejar

E num passe de encanto
Saem correndo pelos campos
Não vacilam em demorar

Elas brincam de ciranda
Com inocência de criança
E não querem mais parar

Guarda-chuvas e sombreiros
Noutra mão portam espelhos
Que refletem o doce ar

Resguardadas nos armários
Entre lírios, sois e cravos
Estão elas a brincar

E nas bordas destas louças
Lá vão elas todas moças
Valsando sem cansar

QUOD NOMEN MIHI EST?

Cansei da rotina
Do mesmo cotidiano
Das tais lamentações
Dos mesmos prantos
Andarilhos pelas ruas
Numa falsa comoção
O sorvete que derrete
E espalha o choro pelo chão
As conversas tão vazias
A tristeza tão alheia
O conformismo da própria vida
Disfarçando angústias cheias
É o tempo que passou
Sua falsa aceitação
Os rumos que se desviaram
Só eu vejo, os outros não
Tudo está alterado
As pessoas, os personagens
O livro já não tem mais títulos
E nem quero suas viagens
Eu só quero ter passagem

NIRVANA

Não quero mais seus sorrisos cativos
As bocas que gritam ladainha
Seus rumos que estão perdidos
Suas nulas companhias
Conversas jogadas fora
Acrescentam nada à vida
As muletas sem escora
As calçadas sem as guias
Vim buscar conhecimento
O combustível da alma
Mas só encontro esquecimento
E mentes fracas que não falam
As palavras devem ter
Toques de provérbios sábios
Já me cansei de ver
As misturas, os prelados
Bocas tortas sons profícuos
As frases sem medida
Pra que servem os amigos?
Pra falarem mal da vida?
Pensamento estagnado
Tão parada água podre
De que vale ter estado
Entre meios predadores?
Alforria para mim
Que quer ir à frente e adiante
Foram os tempos de festim
Que agora são distantes
Quero ver no fim do túnel
Luzes a que tenho direito
Já não quero ser mais fútil
Nem fazer o que tenho feito

AGORA E ENTÃO

Gota d’água em suas mãos
Trêmula cai em mãos trêmulas
Que o sabor do seu aguar?
Qual a altura de suas fendas?
Quatro meninas brincavam em círculo
Formando a gota d’água em minhas mãos
Seus vestidos levados pelo vento
Nos sopros da monção
Gota d’água que cai do céu
Gota d’água escorre pelo chão
Gotas, gotas, gotas de mel
Gotas de bourbon
As corridas pelo jardim
Dias, tardes, noites sem fim
O pernoitar da aquarela
E o respirar de um alecrim
Nada restou do passado
Porque não existiu
Ele ou algo que pudesse
Fazer as gotas d’água caírem
Daquele céu
E escorresse pelo mesmo chão
Que seguisse seu destino
E que não mais queimassem as minhas mãos
Pois as gotas que vêm do céu
Nem mais lá estão
Essas gotas vêm dos olhos
E são os gritos da solidão

INSETOS E LOUÇAS

Moscas varejeiras
Descem pelas palmeiras
Vagueiam, vagueiam
E caminham pela parede
Formigas, abelhas
Voam em cadeia
Ferrões que nos norteiam
Inspiram trégua em retirada
Escaravelhos, besouros
Percorrem em seus voos
Trafegam em desconsolo
Colorem o céu esquálido
Pulgas, percevejos
Saltitam em arremesso
Viram do avesso
E tingem o chão do quarto
Pernilongos, joaninhas
Tépidas companhias
Sussurram em ladainha
Deixam as noites claras
Amanhece e escurece
Bichos vêm
Bichos vestem
Cada qual com seu trajeto
Cada um com sua trouxa
Estão todos nos projetos
De pintura destas louças

A ARMADILHA DE UMA ROSA

O riacho tem água
E a água tem o mar
O mar já cheirou a rosa
Inundando o altar

A montanha tem rochedo
E penhasco escorre ao mar
Na enseada está a rosa
Enfeitando o altar

As florestas têm orquídeas
Águas têm que almejar
Sois azuis, vermelhas, rosas
Rosas cercam o altar

O deserto tem areia
E o frio que vem do mar
Lá em cima estão as rosas
Drapejando o altar

As ruínas têm vestígios
Desaguando para o mar
Na coroa está a rosa
Junto ao trono do altar

Rosas, rosas
Rosas claras
Rosas nossas
Rosas almas

PAPAGAIOS

Terras dos papagaios
Galhos em mares de boto
Prontos para cantar
Cantos e cousas do mar
O agito das marés
Caravelas de Noé
Que vomitam o sangrar
Papagaios verdes
Amarelos e azuis
Primos das araras
E dos tamanduás-açus
Espelho da Mata Atlântica
Que reflete os monstros medievais
De feras não oceânicas
Que deportaram em nosso cais
Papagaios que têm lágrimas
Tão fitantes seus olhares
Penas todas deslumbrantes
Pena que pariu colares
Mas os adornos são da selva
De quem vive em harmonia
Em banhos tão calmantes
De pura água fria
Frios bravos de bravas barbas
Cintilantes em roupas aladas
Que pintavam o chão das matas
De um forte verde água
Que era verde terra
Cultivadas pelas favas
Dos ilustres papagaios
E de suas grandes asas

GARRAFAS E RELÂMPAGOS

Vem a brisa
Vem a névoa
Quem avisa
Por que negas?

Os caminhos alagados
Debruçados em jasmim
Longos dias gritos fardos
Curtas noites cardos fins

Onde estão as nuvens?
Da fumaça suja do quartel
Os raios raiando os gumes
Dos limbos vagando ao léu

As portas fecharam as sombras
As cordas ficaram prontas
Palmeiras ventavam às tantas
Dançavam até ao chão

Afrescos mitigados
Desejos e desdém
Poemas ancorados
Angústias de alguém

Que está preso
Enjaulado
Quer sossego
Ao seu lado

Cruza os túneis
Pés descalços
Traços rudes
Toques falsos

Foi a brisa
Foi a névoa
Não te aflijas
Fui com ela

VIAGEM À PLUTÃO

E mais uma vez quero o aconchego
Do colo
Do berço
Das canções de ninar
Só assim vós sois lágrimas
Só assim derramarás
A essência das estrelas
E o fim desse gelar

O DIA DO DESCANSO

Saudades
Quão distante sois vós
Ontem mesmo era tarde
Junto ao rio
Junto a nós
E hoje
Longe do encanto
Perto dos edifícios
Grulhos e garranchos
As tardes de gargalhadas
Hoje já nem sussurram
E o gládio das navalhas
Das estradas que não duram
Vão embora
E não perguntam
Posso ir ou quer que eu durma?
E desaparece
Longínquo rabisco
Ouvindo
Às vezes sorrindo
E a lua cobrindo
Seu destino
Partindo
E eu aqui sentindo
O carinho
Da vontade de voltar
E que nunca mais
Saudades
Não mais
Venham me perturbar
As saudades
Daquele tenro lugar

INFÂNCIA

Ruas de festim
Vêm pra mim, vêm pra mim
As brincadeiras noturnas
O banhar das chuvas
Os sorrisos de menino
Queria o mundo, queria o mundo
A todo instante
A cada segundo
As risadas de carmim
O vento que sopra a vida
As partidas de corrida
Brincadeiras não têm fim
Saudades da rua comprida
Dos asfaltos, das guias
Da árvore que ao vento agita
Da rua que passeia e ia
Nos invernos pelas frestas
Via a rua em sua jangada
As pessoas em conversas
Logo em frente da calçada
Anos passam, passam tantos
Gente cresce e faz as malas
Se não passam os vários contos
Aprendidos na calçada

O PADRE

Um ancião me perguntou
És tu jovem ou senhor?
Antes que eu respondesse
Ele postulou:
Vim de longe
E vim sozinho
Tu te escondes?
Tens carinho?
Vá aos montes
De mansinho
Vês a fonte?
Vês o ninho?
Que queres tu sábio?
Não me digas que tu cantas?
Quero a boca e teus lábios
E as palavras da garganta
Vês minhas mãos?
E também entre os dedos?
O que queres ancião?
E me abandones logo cedo
Toque os olhos do cajado
Sinta a paz descendo o ventre
Feche os olhos vais alado
Siga o rio de sua mente
Sábio és
Porém não velho
Vou agora em alarde
Sem calçados estão meus pés
Vem comigo jovem padre

IGOR

Ouço sua voz
De pernas estendidas no berço
O telúrico tom algoz
Que drapeja em teus dedos

O calor das mãos remete
Mesmo estando à distância
O senil odor cipreste
Brisa e cheiro de crianças

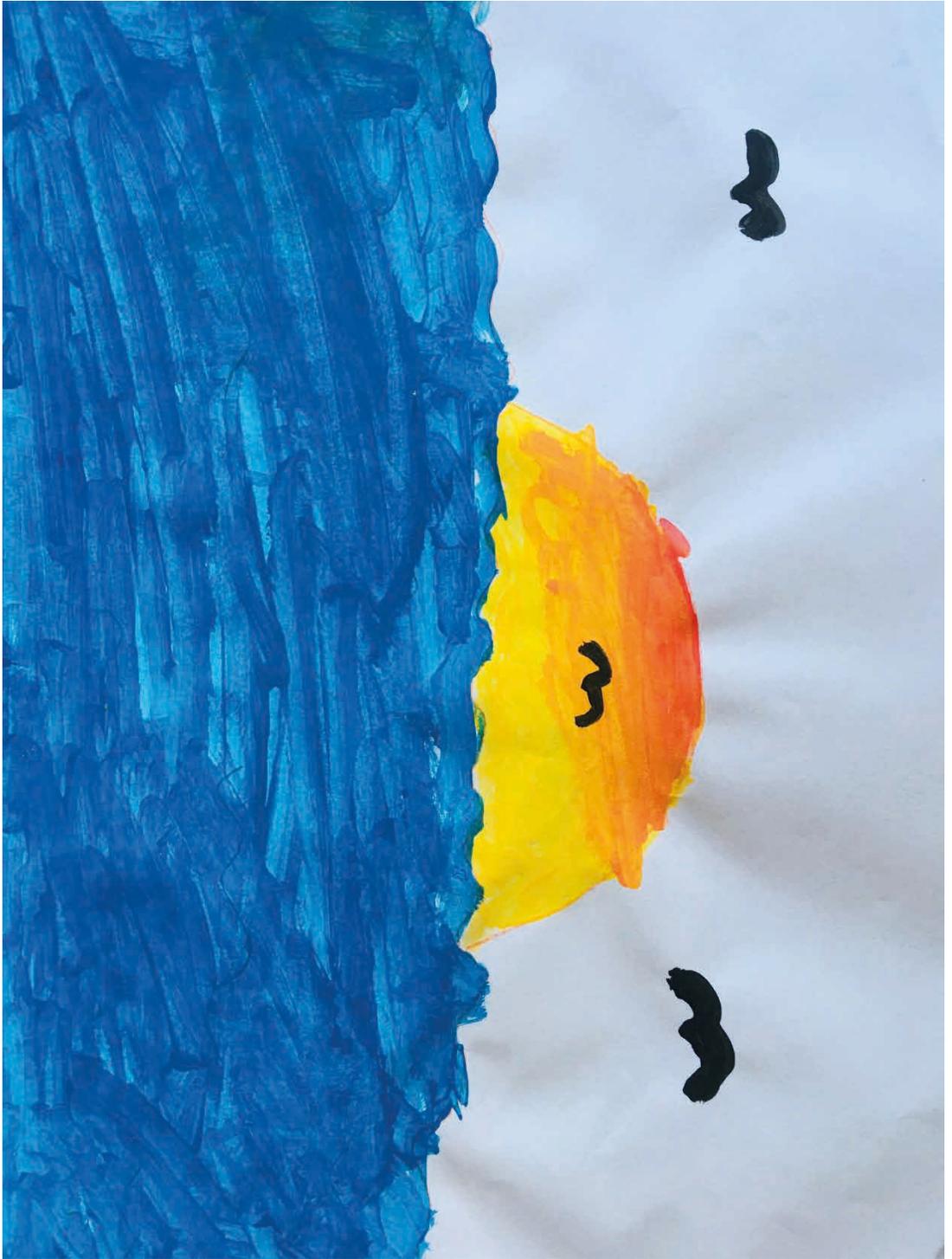
Venha voz, venha a mim
Penetra o estribo e faz andança
Ora cinge de cetim
Ora veste de matança

Doce o lábio doce e alvo
Profusão de sons ardentes
Tão longínquo tão descalvo
Mas tão vivo em minha mente

Posso até sentir teus braços
Corrompendo meus desejos
Se eu pudesse seguia os rastros
Da alcova do mancebo

Separados por um fio
Mas sentindo o corpo alado
Nem meandros de um rio
Dão-me pistas do atalho

Que loucura quantos vícios
De uma mente tão perversa
Já não quero nem ter filhos
Vou embora bem depressa

Mais uma noite tão vazia
Jaz nela o meu sentido
Tudo foi minha fantasia
Quando ouvia a voz de Igor

Por do sol. Desenho de Maria Júlia Tromboni Navarro.

PARTE III–
DAMAS-DA-NOITE

TITANIC

Da partida, a ferida
Que machuca o prazer
Lembra a gente que caída
Desce às águas do sofrer

Louças finas, lamparinas
Que iluminam os vitrais
De madeiras valsas vinham
Sussurrando aos casais

E descendo mais adentro
Sábios, Vênus e guerreiros
Em suas malas os remédios
Sem ganâncias de dinheiro

Suas festas quão repletas
Transbordando gargalhar
E na proa veia aberta
Impedindo o chegar

E os chefes que são mestres
Confiaram em si demais
Entre apostas que cometem
Viram sombras partir o cais

Nessa gente, os inocentes
Que morreram sem seus barcos
São e salvos os sobreviventes
Os verdadeiros culpados

A nobreza com frieza
Cospe fogo na humanidade
Esqueceram-se com certeza
Da angústia, seus covardes!

ECLIPSE

Saudade tenho de teus lábios
Losango róseo que permeia o lambuzar
Fulguras vestes sorrindo sábio
A saudade que vem me buscar

Lembranças correm de teus lábios
Meandros fogem, escondem-se em clareiras
Sol e lua definem o gládio
Lembranças sangram de tua alma alheia

Afagos clamam de teus lábios
Tochas, brasas ardem em teus sussurros
Frestas gritam o chorar do raio
Não sucumbam à luz do escuro

Lábios vindes, lábios tendes, lábios jorram
Tão calados, mas vós sábios me ajudem
Lábios ides, eis que vos rogam
Não vos ceguem, não vos surdam
Quanta saudade dos lábios que iludem!

O SINEIRO

Desinteressante eu
Complicado
Mal resolvido eu
Paro um instante
Eu me fito
E logo digo
Adeus

PARA DOXO

Nó
Socó
Soco
No
Saco
Quero
Quiabo
Para comer
Criar baba
Espetar a barba
E cortar as mãos
Tente
Somente
A gostar
Da gente
Que sente
Que prende
Uma perna
A outra
Dá boas risadas
Voe
Trema
E viva
No trem
Na esquina
E esquive
Na latitude
Atrás dos postes
Dentro de lustres
Veja
Tudo
Sem esquema
Sem lema
Sinta somente

GRITOS

Gritos
Podem ser ocos
Podem ser socos
Podem ter vida
São feridas
Gritos na multidão
Gritos que saem das cidades
Gritos são ecos da solidão
Estão em cantos urbanizados
E no seco do sertão
São reflexo da alma
Do estado de equilíbrio
Percorrem nossas veias e salgam
Corroem nossos ouvidos
Gritos são vozes escaldantes
Como o calor que nos faz suar
Gritos são cortes no ser errante
Filhos que o coração não soube cuidar
Gritos são lama e terra suja
O caos em descompasso com o universo
Gritos são propriedades nulas
Não espantam o choro que está perto

A VONTADE DE VIVER

Chuva me abriga
Massa corrida
Escola falida
Chuva
Rua castiga
Crianças fadigas
Sarjeta esquálida
Rua
Sons de bolero
Vêm os quero-queros
Seus bicos de ferro
Sons
Pego um martelo
Que cai no pé de um velho
Berro
Pego
Imagens e torres
Mesclam-se em cores
Lembram as flores
Imagens
Sinto odores
Sinal de amores
Rendo-me a louvores
Sinto
Céus e paredes
Peixes nas redes
Quadros e enfeites
Céus
O corpo padece
A mente falece
O coração perde
A vontade de viver

ÓRGÃOS, CORDAS E CAOS

Pulo muros
De concreto
Tateio o escuro
Eis o neto
Do tempo perdido
Desmedido
A canção está terminando
Não me lembro de seu refrão
Dos acordes
Me acordem
Me sacudam
Instituiu-se a confusão
O caos não vai embora

GROSSERIAS SÃO AS DORES MINHAS

Sinto hoje a morte
Dói
O peito
Os olhos cansados
Visão turva
Ouço mal
Caminho lentamente
Cansaço
O espaço
Quero a noite
A madrugada
Morrer tranquilamente à alvorada
Virar estrela
Tocar a lua
Outro plano
Despir-me dos panos
Velejar
Em mar de calmaria
Alforria
Da mente livre
Liberdade
Que vastidão
E de lá observar a Terra
Sem saudades
E chorando por estar aqui
Em meio a tanta gente mal-educada
Desgraçada

VINHO E GRÃOS DE AREIA

Do outro lado da estrada
Do outro lado da rua
No mesmo estado de graça
Veio-me uma lembrança sua
Comecei a observar os prédios
Andares, parapeitos e janelas
Em meio a tanto urbanismo e ferro
Lembrei do sorriso que um dia deras
Fantasia, ilusões
Afasia, perseguições
Mente fraca e cansada
Corpo frágil, sem palavras
Frio na barriga
Suor frio
Calafrio
Vinho
Que jorrará em nosso encontro
Na encosta
Do jeito que planejamos
Mãos dadas
Olhando o horizonte
Dois grãos de areia que fazem a diferença
Anoiteça
Quero lambuzar-te de vinho
Em seus lábios vermelhos
Tintos irão ficar
Sentirão o toque dos meus dedos
E o selo do meu beijar
E nos tornaremos novamente
Grãos de areia no luar

E ASSUSTO

Surto
Sussurro
E assusto

Tenda
Merenda
Entenda
E assusto

Calafrio
Arrepio
Meio fio
E assusto

Cobertor
Detector
Elevador
E assusto

Lapiseira
Pulseira
Torneira
E assusto

Tapete
Falsete
Macete
E assusto

Telhado
Sobrado
Louvado
E assusto

Quanto susto!

SOIS E ESTRELAS-DO-MAR

As tépidas batalhas
Conversas, navalhas
De gente grande
Girassóis constantes
Botões de malha
As escadas, fiordes
Que levam ao céu
A morte
Feita de aço
E corte
Rezam ao parir das águas
Os olhos distantes
Dos moços, seus rostos
Delírios desgostos
À luz do luar
As noites claras
Em claro
Os dias escuros
E amargos
Trafegam sem fim
O agito das ondas
Rompendo as sombras
Da pele do mar
E nas praias as conchas
Nas mãos das crianças
Pedindo pra voltar
Aqueles que viajaram
E de viés consigo olharam
Sois e estrelas-do-mar

ALI

Não precisamos
Olhar-nos ali
Mas este dia
Está chegando

ALMA E CORAÇÃO DO OLHAR

Quando se permite olhar
As maravilhas desenhadas pelas írises
É como poder gritar
Ou que os ouvidos jamais ouvissem
Podemos voar pelos céus
Mas prefiro voar pelos sonhos meus
Nele sou rei, astro e sargento
O olhar do pensamento
O olhar do viajar
O olhar que não tem tempo
E nem hora de voltar
O olhar que somente sente
A alma e o coração vibrar
Porque o olhar é a semente
Do fruto que irá vingar

A noite no parquinho. Desenho de Maria Júlia Navarro Tromboni

PARTE IV–
FLORES-DE-LÓTUS

Atentos aos atos
Falta pouco
Para sermos
Um do outro

IMPORTANTE PARA MIM

O olhar que nunca existiu
A palavra sempre presente
O toque que não se sentiu
O beijo que está ausente

Seu rosto já não é tão nítido
Mas suas palavras permanecem vivas
O abraço jamais sentido
Nos braços de quem anima

PUNHALADA

Tu me abriste uma ferida
E da chaga ensanguentada
Tive a cura de meus vícios
Viva essa punhalada!

VEIO A SAUDADE

Subitamente
Do nada
Da mente
Veio a saudade
Daquele dia tão quente
Em que nos vimos de frente
Da tela
Com palavras
Tão fortes
Depois a voz
A sorte
E a saudade
De novo

O MENINO E O LABIRINTO

Estou num labirinto
Com todas as saídas a minha frente
Um lugar frio de onde nada se sente
Apenas o órgão fálico vibrar
Não preciso vedar os olhos
Já estão cegos de tanta lascividade
E a íris que a luz do meu choro foste
Entregou-se aos caprichos da vaidade
Esse labirinto tem somente uma saída
Mas ele mesmo se perde em suas ramificações
Olho o chão e vejo somente feridas
E no teto espinhos navalhando corações
Mas o labirinto dá prazer
Envolve a carne e provoca o devaneio
Mas é tão pobre o seu querer
E seu toque vai embora como nunca veio
E o que mais me intriga
É o fato de me deliciar com essa pútrefa investida
Onde tudo é gélido
Não se sente o toque
Onde o ar é fétido
E o beijo é um corte
É somente um labirinto
Pequeno
Frio
Sem saída
De si mesmo

POESIA DE ENCOMENDA

Poesias não podem ser encomendadas
Elas surgem da mente
Do nada
Poesia é como lava vulcânica
Assenta a alma do poeta
Faz engrenar sua mecânica
Num jantar a luz de vela
Poesia vem d'alma
Donde nunca se pode chegar
É ela quem provoca a calma
E ela quem nos faz gritar
Poesia não são somente palavras
São gritos
São armas
É o espelho
É a mata
Onde há arvores, bichos, monstros
Sonhos
Epopeias em alto-mar
Sussurram em seu ouvido devagar
Poesia é como o vento
Vem sem desejar
Toca seu rosto por um momento
Vai embora
E jamais diz quando vai voltar
Ah, uma poesia não se pode encomendar!

EROSÃO EÓLICA

Fito o horizonte
Me cego
Aos montes
Nada na minha frente
Tudo ao meu redor
Ouço somente
O mar
E o vento
A bater na janela
Parece que pretende me açoitar
Mas por que não entra pela janela
Se é tão forte o seu socar?
Mas enquanto as janelas permanecerem fechadas
E minha mente sadia
O vento ficará lá fora
Ele com sua raiva
E eu aqui dentro
Com a minha

A TELA

Morte
Ardente
Toque
Esquálido
Um beijo
Sem sentido
Morra
Ó menino
Corra
Oblitere-se de mim

ANGÚSTIA DE VERDADE

Hoje senti a angústia
Angústia de verdade
Sob todas as medidas
Por todas as faces

NÃO QUERO MAIS

Não quero mais
Viver
Pra te ver

Não quero mais
Sorrir
Pra me despir

Não quero mais
Voar
Pra cair

Não quero mais
Velejar
Pra naufragar

Não quero mais
Combater
Pra morrer

Não quero mais
Lutar
Pra fracassar

Não quero mais
Chorar
Para enlouquecer

Não quero mais
Não quero mais
Não quero

Não mais

A INDIFERENÇA

A indiferença
Difere
De outras sentenças
É mais triste que a dor
Porque não se importa
É mais densa que o vapor
Pois não se condensa
A indiferença
Difere
De outras vivências
É mais abrupta que o choro
Mais rápida que o olhar
Se disfarça no consolo
Finge ser calmaria em mar
A indiferença
Difere
De tudo que já senti
Simplesmente porque não sente
E não deixa sentir
Faz-se furtiva
Traz confusão
Brinca
Sem saber a razão
A indiferença
Difere
De todos os sentimentos
É o mais perverso
Corrompe dentro
Engana o coração e alma
Cria lágrimas no olhar
Continua indiferente
Até o próximo gozar

O OUTRO DE SI, O MESMO DE MIM

Quem ama cuida
Do jardim
Do pomar
De si
E do outro
Das flores
E de todas as suas cores
Cheiros e odores
Das frutas
Guloseimas puras
Do chão, da terra
De novo de si
Só esquecimento
O egoísmo
A indiferença o orgulho
O outro
Fica o desgosto
A capacidade de amar
De ser traído
Por esse mesmo amor

EU TRABALHO EU

Dormes?
Após o trabalho suado
Após ter o corpo quebrado
Queres dormir em profundidade

Sonhas?
Com o trabalho novamente
Produzindo rapidamente
Queres acordar suado de trabalho

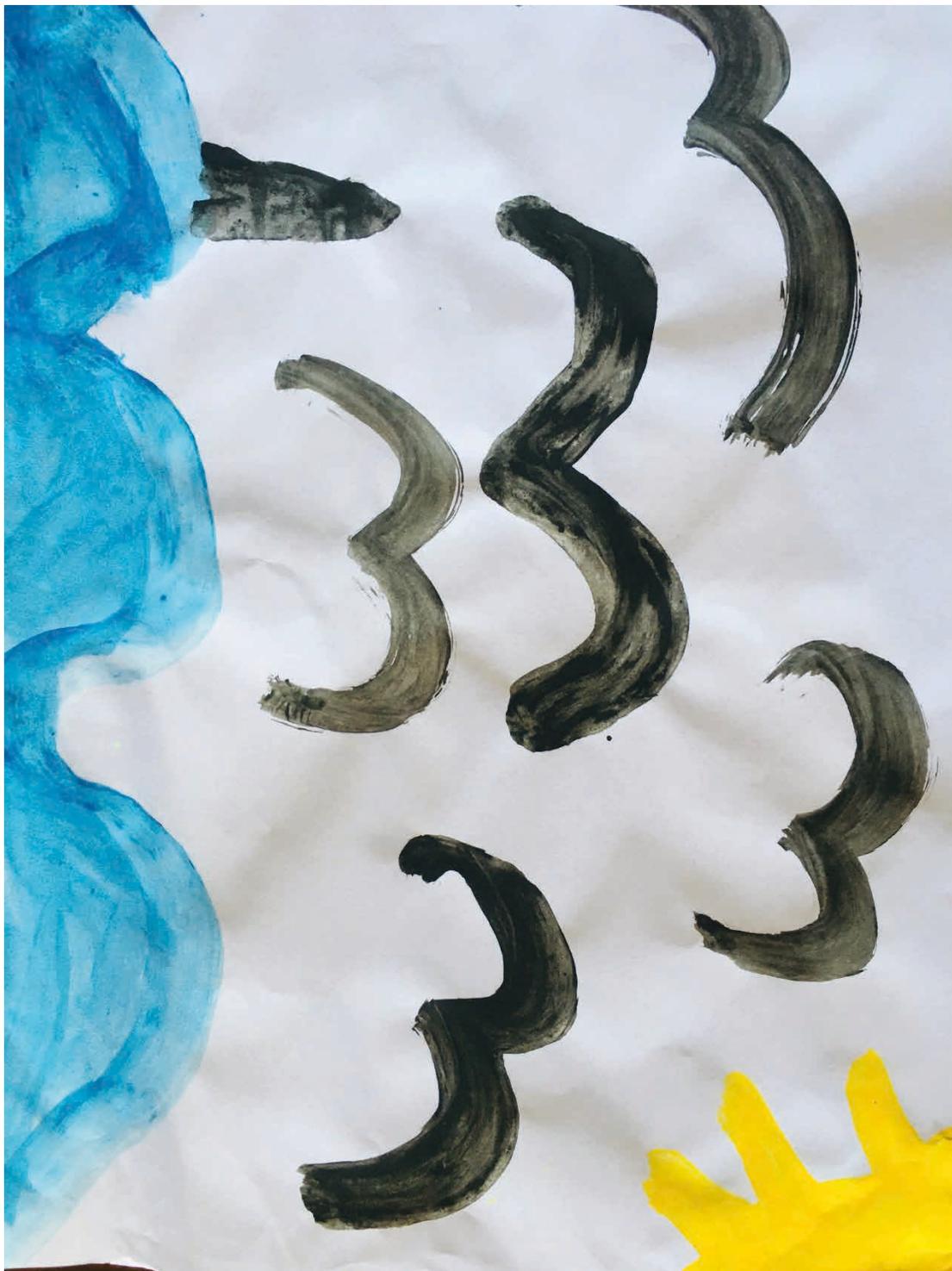
Comes?
Pregos e porcas de ferro
Lambuza a boca em óleo velho
Queres comer a caatinga

Bebes?
Vinho que é apenas diesel
Águas paradas nos discos
Dos ferros velhos no trabalho

Corres?
De um trabalho para o outro
Chegando ao fundo do poço
Trabalhando, trabalhando, trabalhando

Amas?
Como os ponteiros do relógio
Que trabalha sempre imóvel
Assim como seu coração
Frio
Calculista

AMOR

Amor
A boca delicia
Esta ortografia

As ondas. Desenho de João Vítor Navarro Tromboni

ALEXANDRE GUIDA NAVARRO - Nasci em Campinas, São Paulo, em 1975. Aos 11 anos de idade vivi na cidade de Valinhos em uma chácara em meio à natureza exuberante e à observação nítida do céu noturno sem agentes poluidores. Penso que esse meio foi propício para a inspiração da escrita poética. Vi, inclusive, no ano de 1986, o cometa Halley. Errante, depois morei no sul de Minas Gerais, onde continuei a escrever e voltei para Campinas em 1990 para cursar o ensino médio. Continuei escrevendo nesse período, depois já na faculdade e ainda durante o mestrado, até mais ou menos o ano de 2001, quando a inspiração diminuiu. De lá para cá pouco escrevi. Desde o ano de 2009 moro na cidade de São Luís, Maranhão, onde sou professor do Departamento de História da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Sou historiador, antropólogo e arqueólogo. Como arqueólogo coordeno o Laboratório de Arqueologia (LARQ) desta IFES e desenvolvo pesquisas na Baixada Maranhense, onde viveram povos indígenas que construíram suas moradias sobre palafitas dentro de lagos dessa região. Os sítios arqueológicos destes povos são conhecidos como estearias, em alusão ao esteio que dava sustentação às aldeias. Nas Humanidades, meu maior interesse é o estudo das sociedades pré-coloniais amazônicas e maias. Também sou Bolsista de Produtividade do CNPq. Escrevo poesias desde os 11 anos de idade, e somente agora decidi publicá-las. Nunca é tarde para revelar algo quando a vontade vem do coração. Meu primeiro livro de poesias foi lançado em 2021 pela Editora Cancioneiros e se chama *Eles dançam sozinhos e outras poesias*. Este segundo livro contém as poesias que mais gosto e que foram escritas dos 22 aos 26 anos de idade.

As poesias que o leitor encontrará nesse livro, Ventos da madrugada e outras poesias, fazem parte da terceira fase de minha escrita, durante meu curso de mestrado, em São Paulo. São 52 poemas, dos quais mais gosto e considero que são os mais maduros. A poesia que dá título ao livro é uma das minhas preferidas e reflete o momento em que escrevi a maioria delas, durante a madrugada. Ensejo que, através desta escrita, ofício a que me dedico, as memórias do passado aqui resgatadas sejam um alento para as vivências do presente, mais reflexivas, tranquilas e de paz.

As poesias que o leitor encontrará nesse livro, Ventos da madrugada e outras poesias, fazem parte da terceira fase de minha escrita, durante meu curso de mestrado, em São Paulo. São 52 poemas, dos quais mais gosto e considero que são os mais maduros. A poesia que dá título ao livro é uma das minhas preferidas e reflete o momento em que escrevi a maioria delas, durante a madrugada. Ensejo que, através desta escrita, ofício a que me dedico, as memórias do passado aqui resgatadas sejam um alento para as vivências do presente, mais reflexivas, tranquilas e de paz.

Atena
Editora
Ano 2023